

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



Ἐπισημασθέντες οὖν τὴν ἐπισημάντην τὴν ἐπισημάντην
ἐπισημάντην ἐπισημάντην ἐπισημάντην ἐπισημάντην
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

EM TORNO DO BATALHÃO SAGRADO DE TEBAS

TIAGO OLIVEIRA ALVES

Universidade de Lisboa
tiago.oliveiralves87@gmail.com

Resumo

O artigo convida a uma análise reflexiva em torno do Batalhão Sagrado de Tebas através do levantamento de problemáticas que têm sido debatidas pela historiografia, de modo a desmitificar e a elaborar um enquadramento histórico coerente da instituição militar cadmeia, em especial durante o século IV a. C..

Palavras-chave: Batalhão Sagrado; Tebas; Leuctros; Pelópidas; Plutarco.

Abstract

The following article invites to a reflective analysis around the Sacred Band of Thebes through the raising issues that have been discussed by the historiography, in order to demystify and develop a coherent historical context of the cadmean military institution, particularly during the fourth century BC..

Key-words: Sacred Band; Thebes; Leuctra; Pelopidas; Plutarch.

Qual o ónus do Batalhão Sagrado (*hieros lokhos*) na edificação da hegemonia de Tebas na primeira metade do século IV⁽¹⁾? Terá esta unidade militar existido? A concepção homoerótica, divulgada por Plutarco, possui fundamentação histórica? Estas são algumas das (muitas) questões que assaltam a mente dos investigadores que se debruçam na

problematização desta (presumível) instituição. A escassez de evidências directas e o facto de alguns manuscritos, que a ela se referem, serem tardios, constituem duros obstáculos que não permitem *a priori* uma reconstrução historiográfica exacta. Tal como W. Jaeger afirma, Plutarco «baseia-se apenas num saber adquirido em antigas fontes literárias de valor heterogéneo»⁽²⁾. As limitações são visivelmente óbvias e, não obstante a validade teórica de reflexões produzidas e que têm ajudado a clarificar a questão, as respostas devem ser entendidas como conjecturas resultantes do exercício intelectual. De resto, a temática revela-se fascinante não somente pelo carácter obscuro que a envolve, mas pelo debate que tem gerado no seio da comunidade académica e no qual podemos distinguir três teses distintas: a vertente céptica, que nega a existência da elite militar cadmeia; a corrente homoerótica veiculada por Plutarco, na *Vida de Pelópidas*; e a linha que defende uma orientação moderada, ou seja, o Batalhão Sagrado tebano foi efectivamente uma entidade activa, ainda que a composição *erotike philia* seja de valor questionável. Estas são as três grandes dissertações defendidas por uns e outros historiadores. Contudo, todas elas detêm lacunas analíticas.

Ao longo da história da civilização helénica deparamo-nos com o florescimento de uma série de elites militares, sustentadas e mantidas pela *polis* de que eram oriundas⁽³⁾. A distinção mais evidente entre estas unidades singulares, especializadas na arte da guerra, e os restantes contingentes cívicos, fixa-se, essencialmente, na cifra de guerreiros que as entroncam: as elites eram quase sempre constituídas por trezentos hoplitas, enquanto os batalhões «regulares» tinham um número mais elevado, oscilando entre quatrocentos e seiscentos homens⁽⁴⁾. A configuração quantitativa estará certamente correlacionada ao aspecto qualitativo. Aliás, é admissível que o convencionalismo (de possível influência pitagórica) encontrado em «trezentos» resulte da teorização de modelos militares⁽⁵⁾, articulado a pontos de convergência entre a estruturação de um núcleo guerreiro restrito e coeso e a capacidade de manutenção dessa força pela *polis*.

De várias unidades que surgiram, a heróica guarda real lacedemónica (ou *hippeis*) – os trezentos que combateram no estreito das Termópilas – é o exemplo mais paradigmático e celebrizado. Por outro lado, encontramos outras unidades especiais que se afastavam da ortodoxia pitagórica de «trezentos». Os «Mil» de Argos, «os mil soldados das forças especiais dos Argivos, aos quais a *polis* proporcionava de há muito treino militar a

expensas públicas» (Tuc. 5.67.2), são um exemplo de um braço armado massificado, cuja sustentabilidade exigiria, por certo, um elevado esforço financeiro pelas autoridades argivas. Mas o grupo de guerreiros com maior predomínio no século V grego não era uma tropa terrestre, mas sim anfíbia – a frota naval ateniense. Não estamos a falar de trirremes, mas do corpo de marinheiros que as guarneciam. Recrutados nos estratos mais pobres da sociedade ática (na classe censitária dos *tetas*, ou seja, cidadãos que não possuíam recursos para se armarem como hoplitas), esta força, mantida por fundos públicos e pelas contribuições que Atenas fazia recair sobre os restantes membros da simaquia de Delos, foi capital para a conservação da democracia e da *arche* marítima da cidade de Palas⁽⁶⁾.

Com o fim da Guerra do Peloponeso (431-404 a. C.), a formação de *lokhoi* tornou-se numa tendência que se generalizou. O surgimento de «novos» arquétipos advém do desmantelamento das antigas estruturas tradicionalistas da arte da guerra helénica e com a imposição gradual de um aparelho marcial profissionalizado⁽⁷⁾. A «Grande Guerra da Antiguidade» foi, sem dúvida, o ponto culminante para a operacionalidade dessas transformações. Com efeito, temos notícia da elite militar que germinou na Arcádia – *eparittoi* (cf. Xen. *Hell.* 7.4.22; 33; 36; 7.5.3); também a Élide possuiu o seu contingente selecto de trezentos hoplitas, que Xenofonte designa simplesmente de «trezentos» (*triakósioi*) (cf. Xen. *Hell.* 7.4.13; 16; 31).

Face ao quadro político helénico que se delineia no século IV a. C., e no qual Tebas assume uma posição de proeminência, é altamente provável que a cidade de Cadmo tivesse usufruído da sua tropa de elite. Mas nem tudo é claro, nem mesmo para os Helenos do Período Clássico, e Tucídides torna esse facto proverbial quando evoca a «brigada de Pítane» (cf. 1.20.3). A sua existência é rejeitada por completo pelo historiador, numa dura crítica às *Histórias* «fantásticas» de Heródoto de Halicarnasso⁽⁸⁾. Poderá aplicar-se o mesmo princípio ao Batalhão Sagrado tebano? Não será o *hieros lokhos* produto do misticismo que se enraizou na cultura popular, em virtude da destituição da eterna Esparta do pódio grego por Tebas?

Embora não fosse tão imparcial como o seu predecessor, Xenofonte foi o herdeiro natural de Tucídides. É ao longo dos sete livros que compõem a obra *Helénicas*, que temos todo um testemunho que nos permite examinar a sequência de acontecimentos na esfera helénica, decorridos entre 411 e 362 a. C.. Ora, segundo Plutarco, o Batalhão Sagrado foi fundado pouco

depois da rebelião tebana, que colocou termo a sensivelmente quatro anos de domínio lacedemónico na *polis* cadmeia (383-379). Xenofonte descreve, com relativa clareza, o golpe revolucionário de 379, contudo não faz alusão a qualquer elite militar que tenha despontado com a nova organização do dispositivo político tebano. O silêncio sucede-se na narração da batalha de Leuctros (371), um dos três principais teatros bélicos em que é sustentada a presença do batalhão⁽⁹⁾. Mas antes de nos embrenharmos em pormenores do *logos* em torno do *hieros lokhos* do século IV, procuremos alguns vestígios em cronologias anteriores.

Origens

Alguns académicos têm apontado para a preexistência da instituição militar tebana, ou seja, anterior a 379/378. A primeira referência (ténue) surge pelo cunho de Tucídides, no «ataque» furtivo a Plateias na Primavera de 431, por um contingente de trezentos tebanos (*Thebaio andres oligó pleios triakósion*), liderado pelos dois beotarcas da cidade de Cadmo (cf. 2.2.1). Diodoro menciona, de forma não muito distinta, a incursão protagonizada por esses trezentos soldados, despachados pelas autoridades beócias (*dío kai tón Boiotios arosteilantón stratiótas epilectos triakósios*) (cf. Diod. 12.41.4). Tratar-se-á de uma primeira aparição de uma recém-criada unidade militar, ou a mobilização dos melhores guerreiros seria um caso pontual?

Na sequência da primeira hipótese, surge uma outra referência, desta vez mais explícita, que nos conduz aos eventos de 424. Na batalha de Délio, que opôs Beócios e Atenenses, Diodoro diz-nos que «a primeira linha de todo o exército beócio era formada pelos «aurigas» (*heniokoi kai parabatai*), um grupo circunscrito de trezentos» (12.70.1). No entender de Ray, esta força especial de trezentos hoplitas correspondia ao protótipo primitivo do *hieros lokhos*, que emergiria na centúria seguinte, e cuja nomenclatura empregada remonta à antiga tradição homérica e aristocrática assente na actividade equestre⁽¹⁰⁾. O argumento é permissivo, no entanto tem dificuldades de corroboração. Tucídides não enuncia a presença de nenhuma unidade beligerante de natureza exclusivista no seu relato da batalha de Délio (cf. 4.93.3-5). Os *Hellenica Oxyrhynchia* são outra ferramenta que puderam dificultar a questão de uma eventual ancestralidade da força tebana. A fonte tem sido fundamental para a

construção historiográfica da Liga Beócia, num balizamento temporal que se estende entre 447 e 387. Ainda que o autor ilustre o cenário conjuntural de 395, os *oxyrhynchi papyri* apenas desdobram-se ao que cada uma das células territoriais, que integravam a Liga, facultava ao conjunto do exército dos Beócios; não há rastros de qualquer elite armada de Tebas (cf. 16.4). O facto de se tratar do batalhão *patrio* da cidade de Cadmo pode fornecer o fundamento plausível para que não tenha sido integrado na narrativa dos *Hellenica Oxyrhynchia*, uma vez que nos transmite o retrato generalizado da estrutura da Liga e não tão particularista⁽¹¹⁾.

As evidências da actividade de um *corpus bellicus* – extraordinário – tebano no século V não são, de todo, claras. Porém, é verosímil que os trezentos hoplitas que actuaram em Plateias e os *heniokoi kai parabatai* da batalha de Délio partilhem o mesmo código genético enquanto instituição. A não atribuição de uma terminologia específica ao *corpus* referido no episódio plateense, não é, de todo, determinante; a relação entre a sua composição e o carácter selectivo dessa força impele a uma avaliação mais ousada. Já foi anteriormente referido que algumas *poleis*, durante o século V, tiveram as suas unidades especiais, e Tebas não deveria ser excepção. A magnitude da *polis* tebana, tanto em contexto regional como helénico, está efectivamente atestada, pelo que parece certo que possuísse recursos para subsidiar uma força da cidade. A proposta encaixa, de resto, no quadro político interno da Beócia que se desenhou na década de 20 do século V, período esse em que Tebas procurou ancorar um controlo mais eficiente dentro da Liga Beócia. Tendo as autoridades tebanas à sua disposição um grupo de portadores de armas legais que defendessem os interesses da Cadmeia, esse facto não só concederia prestígio militar mas uma enorme notoriedade da *polis* dos Tebanos perante os restantes parceiros beócios.

A concepção homoerótica do Batalhão Sagrado

Segundo a informação facultada por Plutarco na *Vida de Pelópidas*, o *hieros lokhos* foi (re)organizado por Górgidas, alimentado e mantido pela *polis* e estaria acantonado na cidadela, daí ser referido como o «batalhão da cidade»⁽¹²⁾. Será pertinente salientar que o sítio onde estes soldados regularmente treinavam e conviviam era o espaço sagrado da *polis* – a Cadmeia – onde estavam centralizados os órgãos do poder político local

(e regional) e os principais templos do panteão helénico, inclusive a divindade protectora da cidade – a *poliade*. A descrição, *per se*, transformava os guerreiros que integravam a unidade em protectores e «campeões da *polis*». Mas a sua natureza excepcional não ficaria por aqui.

Uma das particularidades que o biógrafo beócio aponta na concepção estrutural do Batalhão Sagrado tebano, é o facto de este ser ornamentado por cento e cinquenta pares de amantes (*erastes*) e amados (*eromenos*), que perfazia o total dos trezentos hoplitas. Sendo uma característica peculiar, não se pode dizer que seja inteiramente original. Com raízes na cultura indo-europeia e ligada à casta aristocrática das sociedades guerreiras, a pederastia era tida como um ritual iniciático – a passagem da juventude para a idade adulta, com o despontar dos primeiros pêlos faciais; na afirmação do sujeito, enquanto ser viril e másculo, simbolicamente traduzido na sua honra, e membro integrante da comunidade⁽¹³⁾.

Herdeira da cultura indo-europeísta, os costumes pederásticos encontravam-se profundamente enraizado na cultura helénica, em particular no estrato dórico, respeitando uma cultura específica de instrução militar e de aquartelamento permanente, respondendo a concepções sociais arcaicas⁽¹⁴⁾. A cidade de Cadmo do período clássico era, aliás, um conhecido polo da prática de pederastia em que amantes e amados juravam votos sobre o túmulo de lolau⁽¹⁵⁾. O cerimonial, que consistia na troca de armaduras entre os dois guerreiros, denota uma clara convergência entre laços homofílicos e ética militar instituída na *polis* tebana⁽¹⁶⁾. Mais que entidade impulsionadora à satisfação do desejo sexual, o *eros* masculino adquiria contornos mais amplos, intimamente ligados ao conceito atlético – do belo – e pedagógico, em que o amante, no papel de educador, acompanhava o amado, seu aprendiz. O jovem, geralmente oriundo de famílias abastadas, mantinha uma relação de aprendizagem com o seu pedagogo, que o orientava nos mais variados ofícios de natureza aristocrática, indo desde a poesia à arte da guerra. Decerto, com o tempo, a relação tenderia a estreitar-se (Plat. *Symp.* 184e).

Aludindo ao estudo antropológico de Evans-Pritchard, Cohen admite possíveis analogias entre as práticas pederásticas na Grécia antiga e as procedidas actualmente pela tribo Azande da África central. O historiador referencia que o guerreiro azande, durante o período que presta serviço militar, junta-se com um jovem do mesmo género sexual. Estabelecendo uma união de índole homossexual e educativa, o guerreiro e o jovem azande constituem-se enquanto casal até ao fim do serviço militar, altura

em que o velho mestre se afasta para construir família e o jovem aprendiz ascende a guerreiro, gerando um ciclo de rotatividade de papéis num âmbito social e guerreiro⁽¹⁷⁾. Transpondo o modelo descrito à ética militar e à (possível) natureza do Batalhão Sagrado, este adquiria uma dupla funcionalidade, no qual o mestre procurava distinguir-se pela sua *arete* guerreira, na capacidade de proteger e captar a admiração do discípulo que, por seu turno, pretendia projectar uma boa imagem das suas capacidades, correspondendo à aprendizagem legada pelo tutor.

Por outro lado, a obra homónima de Platão e Xenofonte – *Symposium*, fornece o veículo ideal na consagração da homossexualidade encadeada na dinâmica belicista. Ambos os autores aludem a *eros* na qualidade de agente fomentador da coesão cívica e militar, através dos laços de *philia*. O discurso de Fedro, uma das personagens d’*O Banquete*, de Platão, vai de encontro a esse mesmo cânone quando afirma que a corporização de uma unidade militar, exclusivamente composta por amantes e amados, seria capaz de «vencer o mundo inteiro» por actos de bravura, entreajudada, e pelo amor mútuo inspirado por Eros⁽¹⁸⁾. Em acervo mitológico, e respeitando a volubilidade homoerótica, deparamo-nos com vários heróis vinculados pelo fruto do amor e pelas armas: Hércules e Iolau, Orestes e Pílades, Teseu e Pirítoos, Aquiles e Pátroclo, entre outros; mas estes pares «não são celebrados em muitos poemas por terem dormido juntos, mas porque unidos por admiração mútua, levaram a cabo, em conjunto, grandes e belos feitos» (Xen. *Symp.* 8.31.).

No entanto, é inevitável verificarmos que o próprio biógrafo da *Vida de Pelópidas* manifesta certas ressalvas quanto à composição homoerótica do Batalhão Sagrado. Plutarco é prudente ao ponto de indicar que o braço armado tebano era, como «alguns dizem» (*enioi de fasin ek*), formado por *erastes kai eromenos*, ainda que fundamente vigorosamente essa contingência (cf. *Pel.* 18.1-19-4.). Buck opta por outra hipótese. O ineludível dualismo a que estava associado o *hieros lokhos* – ecos dos ancestrais *heniokoi kai parabatai*, poderia ter suscitado erros de interpretação por autores clássicos⁽¹⁹⁾. Embora seja uma proposta assente na dificuldade de estabelecer critérios de recrutamento, possui firmeza. Contudo, será forçoso ajuizarmos que a «dualidade» que caracterizaria a elite tebana tenderia, por certo, a cimentar um certo grau de cumplicidade e afinidade entre membros, sobretudo os jovens nascidos em berço nobre.

Há, porém, o ramo mais céptico em relação ao formato apresentado por Plutarco e que chega mesmo a questionar o valor histórico do Batalhão

Sagrado. Além das debilidades textuais das fontes que reportam um fraco índice de actividade da elite cadmeia, para David Leitaó a imagem que o biógrafo transmite deriva de concepções filosóficas e fantasias de uma pederastia apologética convencional – catalogando-as de «fontes moralistas»⁽²⁰⁾. O mesmo ramo arroga que os opúsculos filosóficos, à semelhança da *República* ou o *Banquete*, de Platão, apenas retratam utopias confinadas a reminiscências intelectuais e a princípios morais para encontrar um corpo militar ideal que defendesse a *polis*; um braço armado adornado exclusivamente por amantes e amados fornecia esse paradigma idealizado, centralizado na coesão socio-militar e em Eros.

Enquadrado nestas concepções, o amor homofílico está também associado ao derrube de regimes tirânicos. O (constantemente) referenciado episódio do homicídio de Hiparco pelos dois amantes, Harmódio e Aristogíton, é célebre e, como muitos Atenenses acreditavam, tratou-se do primeiro passo para destronar os Pisistrátidas e instaurar a democracia na cidade de Palas. A política agressiva adoptada pelas autoridades lacedemónicas durante a primeira metade do século IV, elevou Esparta a um *status* visivelmente despótico; os Tebanos foram vítimas dessa política. Sob a alçada de um regime apelidado de tirânico, consertado entre a elite política local (filo-lacónicas) e Lacédemon, a revolução de 379 resultou na expulsão da guarnição lacedemónica aninhada na Cadmeia e no assassinio do grupo dirigente tebano, abrindo portas a um novo ciclo de uma Tebas democrática. Um contingente composto por *erastes* e *eromenos* era a resposta que vinculava, inevitavelmente, a essa tradição⁽²¹⁾.

Teatro de operações: Tégiras, Leuctros e Queroneia

Com o golpe perpetrado por exilados tebanos e a consequente expulsão da guarnição lacedemónica de Tebas, os Lacedemónios perdiam o domínio da mais importante *polis* da Beócia. A revolução tebana desencadeou todo um processo de reestruturação das instituições políticas da cidade de Cadmo, ajustadas a um aparelho democratizado. A organização da máquina militar era igualmente preponderante, com Górgidas a assumir a responsabilidade de dar (nova) forma ao braço armado da Cadmeia. Os anos seguintes são marcados pelo processo de «deslaconização» da região e na reactivação da Liga Beócia, sob a égide de Tebas (cf. Xen. *Hell.* 5.4.63). Face à efervescente actividade na Beócia, as autoridades

espartanas não se mostraram passivas aos reverses e ao perigo que este «gigante adormecido» poderia constituir.

Como ensaio à batalha de Leuctros (371), as lutas e escaramuças decorrentes da «reconquista» do espaço beócio conduziram à eclosão da batalha em Tégiras. Xenofonte não atribui particular destaque à batalha. Aliás, o historiador de *Hellenicas* apenas relata os incidentes nas áreas circundantes de Tebas e do monte Citéron – Téspias e Plateias (cf. Xen. *Hell.* 5.4.10-18; 5.4.34-59); em contrapartida, as movimentações de ambos os blocos antagónicos, no norte da região beócia, são compactamente descritas (cf. Xen. *Hell.* 6.1.1). Para descortinar a batalha de Tégiras serve-nos, portanto, o testemunho de Plutarco e Diodoro, embora as ocorrências expostas pelos dois autores não coincidam na íntegra.

Situada no enlace fronteiriço entre a Beócia e a Lócride Opúncia, e assimilada à esfera de Orcómeno⁽²²⁾, a localidade de Tégiras reivindica como palco a primeira operação bélica do Batalhão Sagrado desde a sua refundação. Liderados por Pelópidas, e auxiliados por cavalaria, o pequeno exército opôs-se aos contingentes lacedemónicos, de longe numericamente superiores à força tebana⁽²³⁾. Aliado à competência militar de Pelópidas, o batalhão cadmeu foi avassalador nos acontecimentos, focando o ataque nos dois polemarcos que chefiavam as hostes peloponésicas. Com a liquidação destes, o exército lacemónico perdeu a capacidade de organização e disciplina, factor que foi decisivo para os Tebanos quebrarem as linhas inimigas. Além do esboço táctico estipulado, Pelópidas soube gerir habilmente os recursos que possuía, reduzindo a importância numérica que favorecia a força opositora. Em todo o caso, e apesar do conflito ter-se desenrolado a pequena escala, a batalha de Tégiras granjeou de enorme impacte, verificáveis em duas variantes: os Tebanos alcançaram a proeza de derrubar o colossal estigma à volta da invencibilidade dos Lacedemónios e o próprio Batalhão Sagrado foi alvo de alterações significativas de ordem operativa, conforme salienta o biógrafo⁽²⁴⁾:

Górgidas distribuiu o Batalhão Sagrado por entre as fileiras das falanges, obscurecendo a «alta-excelência» (*arete*) destes homens, e não canalizou a sua força em objectivos comuns, uma vez que os diluía e misturava com falanges qualitativamente inferiores. Após mostrarem o seu valor em Tégiras, lutando por si e pelos seus, Pelópidas nunca mais os dividiu ou dispersou-os mas, tratando-os como uma unidade, colocava o batalhão na vanguarda dos maiores conflitos.

Em 371, as autoridades lacónicas decretaram nova mobilização à Beócia. Desde 379 que a região era assolada sazonalmente por campanhas militares outorgadas de Esparta; todavia, o constante estado de guerra a que o território beócio estivera submetido servira para olear e aperfeiçoar a máquina militar tebana. A batalha de Leuctros seria o último suspiro da maribunda *arche* lacedemónica além-Peloponeso. Com uma força a rondar dez mil hoplitas, mil cavaleiros e com Cleômbroto, rei dos Lacedemónios, à cabeça do exército, as hostes peloponésicas marcharam rumo à *polis* dos Téspios. Ambos os exércitos encontrar-se-iam em Leuctros. O confronto recalca duas faces de uma mesma moeda: além de inaugurar o período de hegemonia da cidade de Cadmo no cenário político helénico, Leuctros tornou-se insígnia máxima a nível da arte da guerra helénica, na simbiose de esquemas tácticos que não eram, de todo, inovadores⁽²⁵⁾. Contudo, Epaminondas é justo merecedor de recolher os créditos que lhe são atribuídos pela combinação e cunho pessoal da estratégia que traçou para o confronto. Afastando-se dos modelos tradicionalistas da arte da guerra grega, as falanges beócias distribuíram-se em posição oblíqua (cf. Plut. *Pel.* 23.1), cujo flanco mais adiantado estava situado à esquerda do restante exército, musculado com cinquenta escudos de profundidade. Ainda que a abordagem fosse de risco, o estadista tebano visava um embate rápido e decisivo, em colisão directa com a ala de honra do exército inimigo, de modo a suprimir o epicentro da cadeia de comando lacedemónico (Xen. *Hell.* 6.4.12; Diod. 15.55.2).

Respeitando as antigas tradições homéricas, em que heróis e comandantes dos Aqueus marchavam em frente dos exércitos, durante séculos procediam da mesma maneira os reis espartanos, posicionando-se na vanguarda da ala direita do exército, ou seja, o «lugar de honra». Em Leuctros, Cleômbroto não desrespeitou o velho costume. No calor da refrega, e com a falange real lacedemónica a obter vantagem, o Batalhão Sagrado, liderado (novamente) por Pelópidas, reforça a ala esquerda tebana, entrando em choque com os mais temíveis guerreiros lacedemónios. O desfecho da batalha foi favorável aos Beócios; segundo Caudau, «fue una victoria de enorme consecuencias, puesto que Esparta perdió de manera inmediata su posición dominante em Grecia central y en breve plazo, su papel de potencia hegemónica en toda Grecia»⁽²⁶⁾.

Alguns manuscritos são incisivos em considerar que a chave da vitória beócia deveu-se à rápida intervenção de Pelópidas e do *hieros lokhos*⁽²⁷⁾. Mas, até que ponto terá sido determinante? Xenofonte é tácito

quanto ao papel do batalhão cadmeu em Leuctros, a ponto de alguns historiadores negarem a presença dessa unidade na batalha. Michael Sage terá, por certo, razão ao afirmar que as várias descrições da batalha de Leuctros dos autores clássicos complementam-se. Se é verdade que a *Hellenicas* foi a única obra contemporânea aos eventos narrados que sobreviveu, Xenofonte preocupou-se mais em relatar a derrota (e as suas consequências) do lado lacedemónico, que a vitória tebana⁽²⁸⁾. Por outro lado, tanto Diodoro como Plutarco são autores mais tardios, mas cuja leitura não deve ser alvo de desvalorização; apesar do discurso de ambos sofrer uma eventual «contaminação» por fontes pró-tebanas, o teor terá, certamente, fundamentação histórica, não obstante o carácter encomiástico.

Após Leuctros, o batalhão tebano esfuma-se da órbita da actividade guerreira, ressurgindo apenas em 338, na batalha de Queroneia. Trata-se de uma lacuna nas fontes em cerca de trinta e três anos, e apenas historicizada por Plutarco, nas *Vidas de Pelópidas* e de *Alexandre* (e. g. *Pel.* 18.5; *Alex.* 9). Queroneia foi o último grande teatro bélico do *hieros lokhos*, cujo reaparecimento não está isento de simbolismo. Com efeito, a batalha opôs grande parte dos Helenos, chefiados pelos Tebanos, aos Macedónios «semibárbaros» de Filipe II, pela liberdade helénica. Plutarco declara que a cavalaria macedónica, liderada por Alexandre, foi a primeira unidade a derrubar as suas linhas, em quarenta anos de actividade da instituição tebana⁽²⁹⁾. Parece sugestivo a eventual fusão entre a inexpugnabilidade de Tebas e o *topos* do Batalhão Sagrado⁽³⁰⁾. Mas o Batalhão Sagrado não personifica apenas a democracia tebana e o espírito vencedor. O triunfo macedónico é o culminar de um sistema de vida, já agonizado, mas de que os Helenos se orgulhavam e que lhes conferia um estatuto que nenhum outro povo podia reclamar. O aniquilamento da elite militar cadmeia, apenas equiparável ao desenlace idílico nas Termópilas, simbolizava o término da *polis* e dos antigos costumes, do qual o *hieros lokhos* era primogénito.

Independentemente da óptica homoerótica exibida por Plutarco assentar em dados verídicos ou forjados, afigura-se evidente que o Batalhão Sagrado foi de facto uma instituição activa e a sucessão de uma entidade ancestral com raízes que remontam, pelo menos, ao século V. Articulado ao processo de construção do aparelho democrático tebano e a estadistas tão relevantes como Epaminondas e Pelópidas, a elite militar cadmeia tornou-se decerto num dos pilares que contribuiu para forjar a

hegemonia de Tebas. Mas a actuação nas batalhas de Tégiras, Leuctros e Queroneia não serão por acaso. Todas elas decorreram na Beócia e tiveram consequências directas na cena política helénica.

Vista como uma das elites mais preponderantes do século IV e praticamente indestrutível, devido ao seu carácter homogéneo e a ligação amorosa que unia os guerreiros, o *hieros lokhos* tornou-se numa espécie de mito, precisamente pelas suas características. Mas a dúvida subsiste. Seria a sua natureza homofílica autêntica? Seria a sua essência dualista motivo para originar uma eventual confusão de *erastes kai eromenos* com os *heniokoi kai parabatai*? Não seria o Batalhão Sagrado tebano a aplicação prática de uma suposta utopia, ou, pelo contrário, um retrato real que inspirou e influenciou os diálogos filosóficos? Apesar dos tratados platónicos reivindicarem a concepção de unidades militares exclusivamente compostas por *erastes* e *eromenos*, as provas que corroborem a existência destes pelotões continuam difusas, não obstante, e como analisado anteriormente, a forte probabilidade de terem sido uma realidade. Platão terá idealizado um batalhão de guerreiros amantes e amados, mas o surgimento do batalhão deverá ser interpretado como um acto isolado de concepções filosóficas convertendo-se numa necessidade do momento e numa experiência – o baluarte da libertação do domínio ascendente e despótico de Esparta.

Notas

⁽¹⁾ As datas referidas ao longo do corpo textual são «antes de Cristo», salvo se assinalado em contrário.

⁽²⁾ Vide Jaegger (2003) 109; para mais debates e outros aspectos referentes às fontes vide Shrimpton (1971) 55-59; Westlake (1939) 11-22.

⁽³⁾ Vide Lendon (2005) 92.

⁽⁴⁾ Vide Ray (2009) 24.

⁽⁵⁾ A «luta dos campões» é esclarecedora nesse sentido. O lendário combate remonta ao designado «período mítico» e é narrado por Heródoto (cf. 1.82). A lógica por detrás desse título é a forma surpreendente como se decidiu o confronto – somente entre os trezentos melhores hoplitas de Esparta e de Argos, pelo controlo da região de Tíreia, zona limítrofe entre a Lacónia e a Argólida. O confronto é representativo da expressão máxima do *ethos* da *Hoplítia*. É verosímil que, baseado nesta tradição, se tenha originado no imaginário helénico a necessidade de criar «campeões da *polis*»; vide Lendon (2005) 41.

⁽⁶⁾ Vide Ferreira e Leão (2010) 161.

⁽⁷⁾ Vide Garlan (2009) 678-679; Lendon (2005) 91-93 e 108-109.

- ⁽⁸⁾ Heródoto refere-se ao *Pitanate Iokhos* na batalha de Plateias, em 479 (cf. Hdt. 9.53-57).
- ⁽⁹⁾ Vide infra «Teatro de operações: Tégiras, Leuctros e Queroneia».
- ⁽¹⁰⁾ Vide Ray (2007) 183.
- ⁽¹¹⁾ Como alude Michael Sage: «Our knowledge of Greek military organization is extremely sketchy. In part this results from the fact that the ancient historians who are our main sources have little interest on it, and references to military organization tend to be offhand and sporadic. It is the more technical writers who provide some help in this matter. But their information covers only a limited period and detailed descriptions are extant only for Athens and Sparta. Unfortunately, even these are incomplete and at times contradictory»; vide Sage (2003) 38.
- ⁽¹²⁾ Cf. Plut. *Pel.* 18.1; Vide Buck (1994) 110.
- ⁽¹³⁾ Vide Sergent (1984) 54-55.
- ⁽¹⁴⁾ Vide Sergent (1984) 70; Rodrigues (2009) 109; Dover (1994) 205.
- ⁽¹⁵⁾ Vide Leitao (2003) 145; cf. Plut. *Pel.* 18.4; 19.1; Arist. *Fr.*97 (Rose).
- ⁽¹⁶⁾ Cf. Plut. *Pel.* 19.2; Vide Rodrigues (2009) 108.
- ⁽¹⁷⁾ Sobre o assunto, vide Cohen (1987)17, e ainda Evans-Pritchard (1970) 1428-1435.
- ⁽¹⁸⁾ Cf. Plat. *Symp.* 179a-b; O mesmo é referido no *Symposium* de Xenofonte, mas sendo esta ideia defendida por Pausânias (cf. Xen. *Symp.* 8.32-33).
- ⁽¹⁹⁾ «Undoubtedly, however, many young men of the better families would hold to aristocratic traditions of homosexuality»; vide Buck (1994) 111.
- ⁽²⁰⁾ Vide Leitao (2003)145.
- ⁽²¹⁾ Aliás, aquando do golpe democrático executado por Pelópidas e pelo grupo que o acompanhava, há um passo de Plutarco que remete para chegada de Epaminondas e Górgidas a Tebas, auxiliados militarmente por muitos jovens e homens mais velhos, de maior reputação (Plu. *Pel.* 12.2.). Seria uma manifestação de apoio da população ou estes jovens e varões seriam a futura base do batalhão?
- ⁽²²⁾ Diodoro localiza a peleja em Orcómeno. Tratar-se-á, decerto, de observação por redundância geográfica; cf. Diod. 15.37.1.
- ⁽²³⁾ Cf. Plut. *Pel.* 17.2; Diod. 15.37.1. Diodoro refere que a força tebana era composta por 500 hoplitas; não se vislumbra o Batalhão Sagrado nem Pelópidas. Não deixa de ser contraditório, visto que num passo mais adiante da sua obra – denominado de *Panegírico de Pelópidas*, ele irá colocar o estadista tebano na batalha de Tégiras.
- ⁽²⁴⁾ Cf. *Pel.* 19.3; vide Buck (1994) 99.
- ⁽²⁵⁾ Vide Lendon (2005) 107.
- ⁽²⁶⁾ Vide Candau (2011) 49.
- ⁽²⁷⁾ Cf. Diod. 15.81.2; Plut. *Pel.*23.2. Vide Buck (1994) 114.
- ⁽²⁸⁾ Sage (2003) 138.
- ⁽²⁹⁾ Cf. *Alex.* 9. A problemática não é isenta de polémica; sobre o assunto vide Rahe (1981) 84-87; Leitao (2003) 148-149.
- ⁽³⁰⁾ Vide Rodrigues (2009) 109.

Bibliografia

- BUCK, R. J., «The Fighting: 375 B.C.», in *Boiotia and the Boiotian League, 423-371 B. C.*, Alberta: The University of Alberta Press, 1994, 98-100.
- BUCK, R. J., «The Boiotian Army», in *Boiotia and the Boiotian League, 423-371 B. C.*, Alberta: The University of Alberta Press, 1994, 110-111.
- BUCK, R. J., «The Campaign to Leuktra», in *Boiotia and the Boiotian League, 423-371 B. C.*, Alberta: The University of Alberta Press, 1994, 113-114.
- COHEN, D., «Law, Society and Homosexuality in Classical Athens», *Past & Present* 117, Nov. 1987, 3-21.
- DOVER, K., *Greek Popular Morality in the time of Plato and Aristotle*, Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 1994.
- EVANS-PRITCHARD, E. E., «Sexual Inversion among the Azande», *American Anthropologist* 72, 1970, 1428-1435.
- FERREIRA, J. R., LEÃO, D., «Temístocles», in *dez Grandes Estadistas Atenienses*, Lisboa: Edições 70, 2010, 161-164.
- GARLAN, Y., «Warfare», in *The Cambridge Ancient History, The Fourth Century*, Vol. VI, Cambridge: University Press, 2006, 678-692.
- JAEGER, W., *Paidéia, A Formação do Homem Grego*, São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LEITAO, D., «The Legend of the Sacred Band», in *The Sleep of Reason, Erotic Experience and Sexual Ethics in Ancient Greece and Rome*, Chicago: The University of Chicago Press, 2002, 143-169.
- LENDOND, J. E., «The Last Hoplite», in *Soldiers & Ghosts, A History of Battle in Classical Antiquity*, New Haven, London: Yale University Press, 2005, 39-57.
- LENDOND, J. E., «The arts of war in the Early Fourth Century BC», in *Soldiers & Ghosts, A History of battle in Classical Antiquity*, New Haven, London: Yale University Press, 2005, 91-114.
- RAHE, P. E., «The Annihilation of the Sacred Band at Chaeronea», *American Journal of Archaeology* 85/1, 1981, 84-87.
- RAY, F. E., «The Peloponnese and Lemnos (c. 500-495 B.C.)», in *Land Battle in 5th Century B. C. Greece, A History and Analysis of 173 Engagements*, Jefferson, North Carolina and London: McFarland & Company Inc., Publishers, 2009, 22-28.
- RAY, F. E., «Delium and Sicyon III», in *Land Battle in 5th Century B. C. Greece, A History and Analysis of 173 Engagements*, Jefferson, North Carolina and London: McFarland & Company Inc., Publishers, 2009, 182-186.
- RODRIGUES, N. S., «O Batalhão Sagrado de Tebas, uma utopia platónica?», in M. F. Silva, coord., *Utopias e distopias*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, 107-111.
- SAGE, M. M., «The Age of Hoplite Warfare», in *Warfare in Ancient Greece: A Sourcebook*, London, New York: Routledge, 1996, 25-134.
- SAGE, M. M., «Forth Century», in *Warfare in Ancient Greece: A Sourcebook*, London, New York: Routledge, 1996, 135-161.
- SERGEANT, B., *L'Homosexualité dans la Mythologie Grecque*, Paris: Payot, 1984.
- SHRIMPTON, G., «Plutarch's Life of Epaminondas», *Pacific Coast Philology* 6, 1971, 55-59.
- WESTLAKE, H. D., «The sources of Plutarch's in Pelopidas», *The Classical Quarterly* 33/1, 1939, 11-22.